

Rubens Bedrikow, dotô escritô bom di prosa

Rubens Bedrikow nasceu em São Paulo e morou no Peru e na Suíça, por causa de seu pai, médico da área de Saúde Pública e Medicina do Trabalho. Seguiu a mesma profissão. Em 1991, formou-se médico pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCP), onde fez residência em Clínica Médica. Especializou-se em Saúde da Família e fez mestrado e doutorado em Saúde Coletiva na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Trabalha como médico da Estratégia de Saúde da Família, em Campinas, e como profissional de apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão no Departamento de Saúde Coletiva da FCM. Atualmente, acompanha os alunos do 1º ano dos cursos de Fonoaudiologia e Medicina e dos 4º e 5º anos de Medicina. “Minha trajetória como médico está, em parte, nas crônicas e outros textos que me vi impelido a escrever nos últimos quinze anos”, diz.



Disgosto

Peço permissão pra mode contar uma prosa que levei com um cumpadi muitcho du sabido, lá pros ladu du Mário Gatti, enquanto nós aguardava o dotô.

Nasci em Caculé, no sertão da Bahia. Bisneta de escravo fugidio que perambulava pelos ladu da lagoa. Já tô véia, muitcho sufrida. Pus no mundo dezesseis fio, mas só dez vingô. O mais moço arribô em Campinas, se amancebô e montô fãmia. Esse ano, vai sê avô. É por isso que eu tô aqui. Pra vê meu bisneto. Já faz três mêis que arribei. Meu marido, o Sinval, aquele caba safadu, partiu dessa pra mió há muitchos ano. Foi meu único home. Era teimoso que nem um jumento e nunca foi nas consurta com os dotô. Tinha pressão arta, mas num tomava os comprimido. Aí, um dia, acordô de madrugada, sentô na bêra da cama, ponhô a mão no peitcho, e disse: “Ô Gustinha, eu te amo”. Caiu e nunca mais levantô, nem falô. Só carregado pelos companheiro, prá dentro do caxão. Foi a única vez que ele disse que me amava. Meus fio já tão tudo criado e eu posso ficá por aqui o quanto quisé. Quase todo dia, eles liga de lá e pede pra eu vortá, com medo da dengue que eles escutcha no rádio e na televisão. Parece que esse ano a dengue tá fraca lá na Bahia, mas tá fea aqui em Campinas.

– A senhora vai passar com o doutor?
– Cumé? - Levei foi um susto. Não esperava a pergunta. A sala tava apinhada de gente,

até do lado de fora. Empareiado comigo, um cabôco de cabelos branco, cabeça chata, pescoço curto. Foi ele que puxô a prosa.

– Eu perguntei se a senhora está doente e se também aguarda a consulta - insistiu o cabôco.

– Não, eu vim acompanhá a nora do meu fio. A buchuda pegou uma quentura; tá que é só o buraco e a catinga. Uma leseira da peste. Num qué cumê nem bebê.

– Deve ser a dengue, senhora. Qual a sua graça? - ele perguntou.

– Maria Augusta, mas meu povo me chama de Gustinha.

– O meu é Antão, mas todo mundo me chama de Antonio. É costume, lá na minha terra, em Vitória da Conquista, trocar os nome das pessoas. Eu sempre chamei minha mãe de Graça, como todo mundo, a vida toda. Só quando ela partiu, que eu precisei providenciar o enterro, é que descobri o verdadeiro nome dela: Raimunda.

– O sinhô tá com dengue, né não?

– Acho que sim. Faz dois dias que a cabeça dói, atrás dos olhos, o corpo quente, muita fraqueza e não consigo nem olhar para a comida. Fui ao postinho e fiz exame de sangue. Minhas plaquetas estão baixas, por volta de 80 mil. Me disseram que não era grave, mas que eu precisava ir ao pronto socorro, no final de semana, já que o postinho não abre. Fui ao Anchieta, mas, chegando lá, antes mesmo de fazer a ficha, já informaram que não haveria médico.

– Oxente, seo Antonho, num é que cum nós foi parecido, num sabe? Meu fio Zezinho ficou foi invocado quando trombô com a porta do São José fechada. Ele tá aperreado com a nora que num



consegue enchê o bucho e num sai da cama. Avalie só!

– Dona Augusta, eu li no jornal que o São José só vai voltar a funcionar lá pro fim de abril, quando o pior dessa epidemia tiver passado. Enquanto isso, o povo precisa vir até aqui, o Mário Gatti, e esperar várias horas, doente, com dor e febre. O que me deixa mais revoltado é que os jornais não dão destaque para o sofrimento do povo. Tratam disso como se fosse apenas uma questão banal de atraso. Acho que é porque não incomoda os ricos.

– Vixe, o sinhô tá é muito apurrinhado com esse governo da moléstia. Vai tê um infarte nestante. É mió sossegá o facho.

– Me desculpe. A senhora tem razão. Tal como o Patativa, estou é desiludido nesta vida de tanto lero lero.

– Oxe, calada eu também num fico não; num guardo silêncio. As oturidade só qué é enricá. É uma farta de vergonha. Eles num tem iscrupo de fazê nós sofrê. Os miserave ingruvatado tem boa vida, tem carro de passeio, faz comiço e sermão. Eles tão no jorná e nós não. Nós num têm como recramá dos consurto que num abre.

– É isso que me dói mais, a imprensa do lado do rico e cega para o pobre. Eu, que era jornalista, chego a ter dor no peito quando penso nisso.

– Aff Maria, é mió se aquetá. Meu falecido Sinval começô com essas dô no peitcho e, de supetão, me dexô viúva.

– Estou cansado. Nem sei se quero seguir vivendo. O povo que não consegue atendimento está desiludido. Sabe que se reclamar, no dia seguinte a imprensa solta uma explicação ou nova

promessa e fica parecendo que está tudo bem. Só quem levou cerca de uma hora para chegar aqui e espera durante horas, com febre, dor, fraqueza é que sabe qual é o verdadeiro sofrimento. Infelizmente, nem os criadouros dos mosquitos foram eliminados a tempo.

– Iapôe? E é verdade que essas muriçoca da dengue aumentaram muito este ano?

– É sim. Parece que o combate ao mosquito da dengue tem sido negligenciado. Meia boca, como diz meu neto. Eu sempre tive ódio desse mosquito. É coisa antiga, da família. Meu pai, nascido em Lisboa, sempre torceu para o Benfica e não deixava de ir ao Estádio da Luz quando visitava os irmãos. Uma vez, depois de seu Glorioso bater o rival Sporting, no mais violento derby da capital portuguesa que se tem notícia, foi agredido até desmaiar. Quando acordou, o que ficou na memória foram aqueles inimigos listados atacando ele. Desde então, ficou com raiva até de zebra. Se estivesse vivo, com certeza faria de tudo para dar cabo desses mosquitos rajados.

– Arre égua, que diabeisso, seo Antonho! O sinhô num pode morrê não. É muito estudado e entende das coisa. Nós carece é de cabra que nem o sinhô, que não se decha botá cabresto e nem engabelá. O sinhô num arrudeia os probrema e com muita inteligência dá essas lição de sabença.

– Acho que já vão me chamar - disse ele.

Quando ouviu seu nome, se alevantô, pôs a mão no peitcho e disse: “Gustinha, obrigado por prosear comigo”. Desabô e só saiu dali foi carregado pelos enfermero.

Morreu de disgosto. Mas os dotô e as oturidade vão dizê que foi a dengue.

Maria Augusta Santina de Deus

Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br